



Cine Karim: reclamações na Câmara e analfabetismo nos letreiros

Cinema vira pior diversão

NELSON PANTOJA

Repórter Especial

Esta realidade é um cartaz que não admite ficção: os cinemas de Brasília são a pior diversão. E o caso da rima não é por acaso: para ir assistir a um filme em Brasília, antes de mais nada, é preciso ter coragem, pois as casas de cinema não oferecem as mínimas condições de funcionamento, afastando ao invés de chamar os espectadores. A fixação que há nas telas, portanto, não ilude a realidade: em Brasília cinema é sinônimo de dilema. E o caso da rima não é, mais uma vez, por acaso. Quem tira esta verdade de cartaz, quem tira o efeito da rima? Dois pontos: ninguém.

Quem quiser comprovar a verdade do cartaz, basta seguir o roteiro: "Bar esperança, o último que fecha", Karim da 111. Você paga mil cruzeiros, e aí vive a realidade que a ficção da tela não ilude, pois o cinema não oferece as mínimas condições. As poltronas são desconfortáveis, o som da pior qualidade e a projeção a pior possível. Depois de duas horas, você compreende que foi ludibriado: pagou para não ver.

Mas não é só do Karim da 111 que a empresa Karim vive ludibriando o espectador de Brasília. Há muitos "Karims" por aí. No Conjunto Nacional, por exemplo, o Karim Criança, hoje Cinema Um, é um dos piores da cidade, não oferecendo

nada ao espectador, que tem que se sujeitar ao desconforto e a descortesia dos funcionários da empresa. Quem quiser comprovar a verdade do cartaz, basta comprar o ingresso e seguir o roteiro.

No Conic, os cinemas existentes - segundo alguns espectadores, já cheiram a promiscuidade. Neste local, ao lado das famosas boates, dos famosos bares, a terrível fama dos cinemas: a pornochanchada fora das telas. A fama é tanta que poucos são os que vão ali para assistir a um filme, antes para ser personagens do que se poderia se chamar, tranquilamente, da "boca de lixo" de Brasília.

No "Bristol", pertencente à empresa de cinema "São Paulo-Minas", aparentemente uma boa casa, uma verdade que ninguém tira de cartaz: o cinema oferece aos espectadores tudo o que se imagina de péssimo. Logo na entrada, com ar de boate de quinta categoria, o bar. Você chega até se iludir, pensando que terá um bom tratamento. Ledo engano. O "garçon" é mal educado, trata você como se estivesse fazendo um grande favor, e fica por isso mesmo.

No final do filme, depois de você ter reclamado da projeção, do som e dos constantes cortes, você vira personagem de um roteiro à altura do famoso diretor Alfred Hitchcock, pois terá que sair por um fantasmagórico corredor, onde a sujeira

e os ratos são parte do cenário, além do lixo, é claro.

O único cinema de Brasília, pertencente à iniciativa privada que não pode ser colocado no rol dos de uma estrela, é o cinema Atlântida. Este sim: uma boa casa. Segundo o seu proprietário Giovanni Guida, pelo bom serviço que oferece aos espectadores: "nós não vivemos em crise, pois mantemos a nossa frequência num nível muito bom". Para ele quem vai ao cinema merece, antes de mais nada, um bom tratamento, pois paga para isso.

Enquanto Guida procura o melhor para os que pagam para ir ao seu cinema, o mesmo não acontece com o gerente do Astor, José Maria Menescal, uma pessoa notoriamente aversa ao público consumidor. Quando o **Correio** questionou as condições do cinema, já tinha a resposta na ponta da língua. "O consumidor tem que reclamar é para nós, e não mandar carta para o **Correio**, pois o **Correio** não tem nada com isso", disse, textualmente.

Menescal esquece que é gerente de uma casa de diversão pública e que deve satisfações ao público. Esquecer, aliás, é o seu grande mérito. Esquece, por exemplo, que o Astor oferece, além de filmes de qualidade inferior, o que há de pior: banheiros sujos, filmes desfocados e péssimo som. "Nós já

comparamos a lâmpada xenon, que custa 500 mil cruzeiros, para oferecer o melhor ao espectador. E verdade que a nossa projeção estava ruim, mas agora vai melhorar".

Já a gerente, ou como ela prefere ser chamada, "encarregada de serviços" do cine Márcia, pertencente à rede Karim, Vera Lúcia, prefere transferir ao público, a responsabilidade de todos os males. "Eles são uns mal-educados. Os estudantes, então, não é bom nem falar: quebram tudo. Nós, que temos 16 funcionários, temos que trabalhar o dobro para oferecer um serviço que admitimos ser razoável. Aqui, no Márcia, por exemplo, aconteceu o maior tumulto quando exibimos o filme sobre "Ghandi". Foi um absurdo", diz ela.

CARTA DO LEITOR

Esta realidade é um cartaz que não admite ficções "Como a época é de grandes lançamentos, esta semana me aventurei ver alguns filmes. Então, estive nos cinemas Karim 110/111, Márcia CNB, Karim CNB, Bristol Brasília 106/107. Todos, sem exceção, um verdadeiro martírio para o telespectador". Carta do leitor, Sidney V. Moreira, SQS 105, Bloco G, 301. Quem tira esta verdade de cartaz. Dois pontos: ninguém.